

Um dia de ressuscitar

Nasci rico. Na verdade milionário.

Eu era a parte promissora da elite brasileira, a mesma que dizem que não larga o osso de jeito nenhum, que odeia o Estado mas vive às suas custas, seja pelo favorecimento político, pelos incentivos, pelas desonerações, pelos impostos não cobrados, pela maciça ocupação nos sucessivos governos, da esquerda à direita, pelo latifúndio assassino, pela cara-de-pau e desfaçatez, e eu sempre calado. Diziam, na minha família que eu era esquisito, estranho, diferente, até retardado (como diziam naquela época). Eu sempre calado.

Eu odiava futebol e esportes em geral. Odiava música, teatro, cinema. Odiava namorar. Odiava quase tudo. Mas era um ódio calado sem a força do ódio falado.

A única coisa que parecia que eu não odiava era astronomia. Não tenho certeza, mas acho.

Nem eu sabia direito do que se tratava tudo aquilo.

Quando cheguei à faculdade, aos 21 anos, eu continuava sempre calado, mas ficava cada vez mais calado porque ouvia sempre mais coisas que eu não entendia sobre a minha condição de filhinho de papai. Logo eu que tinha um papai filho-da-puta, mas eu não sabia que eu tinha um papai filho-da-puta porque eu não entendia de analogias, menos ainda do que é ser um filho-da-puta.

Eu odiava dirigir mas fui obrigado a dirigir um BMW do ano quando passei na faculdade, presente de papai.

No 2º ano da faculdade, sempre calado, saí de uma aula de filosofia e alguns colegas fizeram chacota sobre minha condição de filhinho-de-papai. Continuava sem entender e ficava, como sempre, calado. Falavam sobre elite agrária e a reforma que nunca chegou e eu nem era agrário, tenho a impressão que eu era da elite financeira, assim me parecia. Essa coisa de bolsa de valores e especulações sobre a baixa e a alta do dólar.

Saí, como sempre com ódio de dirigir, consternado, talvez lamuriento e calado. O estacionamento da faculdade ficava numa esquina de uma avenida movimentada. Como sempre, calado, olhei pros dois lados e meu BMW espetacular foi totalmente esmagado por um caminhão de mudanças. Morri. Minha família, principalmente meu papai muito cuidadoso com sua prole, ao saber que eu havia sido esmagado, menos meu cérebro, resolveu financiar meu congelamento para que em algum futuro eu ressuscitasse.

O futuro, parece, chegou rápido.

Ressuscitei no dia 30 de novembro de 2024, por volta de uma hora da manhã. Na antessala do freezer cibernético de não sei quantos milhões de dólares, ao ser retirado da gaveta milionária encontrei o olhar de um algoz alucinadamente viciado em futebol (fato que eu soube depois). Ele me falou com voz soturna e ameaçadora: *eu tenho a permissão de ressuscitá-*

lo definitivamente, mas como sou seu guardião tenho a prerrogativa da exigência para trazê-lo de volta à vida. Minha exigência é que você se torne um torcedor fanático de futebol.

Eu sempre calado, entre morto e ressuscitado mais ainda, sem saber porque, balancei a cabeça positivamente.

Colocou-me o algóz frente a uma grande tela onde ele disse: *você vai ver os símbolos de todos os times de futebol do mundo nesta tela. Escolha um e, quando tiver certeza, levante sua mão direita e você estará ressuscitado. A tela com todos os times passará apenas duas vezes para que você tenha uma segunda chance. Mas não precisei.*

Quando passou a imagem daquele time com uma estrela solitária do lado do coração não titubeei, logo da primeira vez. Estou aqui, hoje, em Buenos Aires, duas horas antes de ver meu time disputando a Libertadores da América.

Se perder não tem problema, ressuscitarei quantas vezes precisar, mesmo que papai não me ajude.

Luiz Carlos Fadel – 30/11/2024 – 15 horas